

DESEJAR E SER TRAÍDO

João José R. L. Almeida
limalme@uol.com.br

Uma das maiores traições (das tantas) que já se fizeram aos amantes do cinema no Brasil foi a tradução do título do filme de Neil Jordan, *The Crying Game* (1992), por “Traídos pelo Desejo”. Não só pelo aspecto de antecipar o que pode aparecer no filme, mas talvez também por antecipar errado. É provável que o filme seja sobre tudo que envolve o desejo, não apenas sobre o sentir-se traído pelo próprio desejo. Há desejo sem traição? O filme não, mas o título em português parece sugeri-lo. Perdeu-se na tradução a oportunidade de brincar-se com a palavra “jogo” ou com a letra da música à qual se refere também o filme. Fomos traídos pelo desejo de grande mercado. Mas não me importa tanto este fato, já que o filme é bem antigo e talvez o leitor não o tenha assistido. Quero somente resgatar uma parábola que o soldado inglês seqüestrado, vivido por Forrest Whitaker, conta ao guerrilheiro do IRA (Stephen Rea) que o vigiava no cativo. Trata-se da história do sapo e do escorpião. Um escorpião quer atravessar um lago, mas não sabe nadar. Então pede ao sapo que o leve nas costas até o outro lado. O sapo nega-se a fazê-lo, pois lembra que o escorpião pode aproveitar-se da situação e, com uma ferroada, feri-lo mortalmente. O escorpião responde que nunca tomaria semelhante atitude, já que, nesse caso, os dois morreriam juntos, afogados. Seguro pelo argumento lógico, o sapo decide atravessar o escorpião, e este, no meio do lago, lhe aplica uma ferida mortal. O sapo então pergunta: - “Por quê você fez isso? Agora nós dois vamos morrer.” O escorpião retruca: - “Não posso não fazê-lo. Essa é a minha natureza.”

O risco do desejo é que ao ser seduzido o sujeito se entrega, a responsabilidade do desejo é não negá-lo.

O leitor atento observará, neste ponto, a iminência da efusão de mensagens construtivas e soluções moralistas de natureza geral jorrando para todos os lados. Mas vou pedir licença para uma pequena traição: gostaria de evitar esta facilidade e pensar, antes, na psicologia do desejo. Deixemos a moral para depois.

Chamo a atenção para o fato de que o desejo é tão traidor, que a psicologia tem dedicado seu máximo esforço sem conseguir, até hoje, encontrar o elemento que o organiza. Caso ele pudesse ser descoberto, conseguiríamos, pelo menos, controlá-lo. Poderíamos, por exemplo, inventar um remédio eficiente contra a depressão. Trata-se na depressão de um desvio patológico do desejo, no qual, ante a percepção de uma decepção profunda, o sujeito não mais deseja senão pela autoflagelação. Os antidepressivos evitam bioquimicamente esta tendência ao martírio, porém nada fazem quanto ao modo de desejar. Este detalhe pode levar perigosamente ao fracasso da terapêutica psiquiátrica, caso o médico ignore a estrutura psicológica do paciente. Não é sem motivo que psiquiatras indicam remédios com acompanhamento psicoterapêutico, ou prescrevem remédios em cima de remédios para controlar também as contra-reações inesperadas dos primeiros. Não é só no caso dos antidepressivos; para qualquer medicamento que aja sobre a psicologia ou dela dependa, vale o mesmo raciocínio. Veja o Viagra, por exemplo. A droga age sobre os vasos sanguíneos, não sobre o desejo. Este deve surgir por conta própria ou a pessoa, na falta de melhor recurso, deve fingir que o tem. Definitivamente, não é a bioquímica que organiza o desejo; diante dele, os medicamentos são como se armar com um pedaço de pau para matar um leão.

Seria, por isto, muito proveitoso para nós descobrirmos que bons e maus espíritos o organizam, fazendo-nos ter sucesso ou fracassar em nossas ações terapêuticas e preventivas. Agindo sobre as deidades, controlaríamos suas criações. Seria bom que fossem os astros os reguladores da vontade, como muitos querem, pois conhecendo nosso mapa astral, evitaríamos problemas complicados ou insolúveis. Seria muito bom que fossem as representações recalçadas, provenientes das sensações formadas em nosso corpo na infância, ou, visto de outro modo, da maneira como percebemos e guardamos na memória nosso relacionamento com a mãe e com o pai. Vencendo as resistências que enterram em solo profundo tais representações, e trazendo à luz esses recalques, alcançaríamos uma vida mais útil e harmoniosa. Seria magnífico que significantes veiculassem o desejo, pois bastaria entender a natureza volátil e a semiose ilimitada que caracterizam as leis simbólicas, desviando a atenção da vontade para a linguagem, para encontrar ao mesmo tempo o desejo oculto na maneira de falarmos e nos comportarmos.

Parece, no entanto, que fundamentalmente o desejo caracteriza-se por não ter fundamento. O desejo lembra a metáfora da ilha flutuante utilizada no filme “Lucía y el Sexo”, do diretor espanhol Julio Medem. No auge da história, os personagens estavam numa ilha que de vez em quando oscilava ao sabor do mar, e todos perdiam o equilíbrio. O desejo é despegado do chão. Na aparência, estaria organizado por qualquer elemento previsível, mas na realidade não está. Esta condição nos causa sensação de insegurança e a conseqüente tentativa de controlar a situação de qualquer modo.

O desejo confunde-se com a ação sem ser o próprio ato. Ou melhor, pode ser visto como as ações de declarar, prometer, descrever, ordenar, recusar, tocar, caminhar, levantar o braço, puxar uma cadeira, convidar, fazer propostas, negar-se a fazer algo. Todo o tipo de ação intencional que se possa imaginar. Todas essas ações não são o desejo, certamente; porém o desejo é incompreensível sem elas, e elas, incompreensíveis sem o desejo.

Se, por exemplo, digo: - “Vou levantar o meu braço”, e em seguida levanto o meu braço, não se pode dizer que o desejo seja o ato de levantar o braço. Subtraindo-se do ato de levantar meu braço o fato de que levantei meu braço, nada resta (Wittgenstein, *Investigações Filosóficas*, § 621). Ali não se encontra uma coisa chamada “desejo”. Existe somente o puro fato de haver-se levantado um braço, e nada mais. No entanto, não tem sentido dizer que eu levantei o braço, mas não quis fazê-lo. Qualquer um compreende que o sentido de haver levantado o braço é uma ação de desejo. Ressalte-se, contudo, com bastante veemência, que o desejo não é uma entidade que existia antes do fato, nem depois. O desejo é o sentido mediante o qual entendemos uma ação, sem o qual esta se tornaria incompreensível. O desejo, portanto, confunde-se lingüisticamente com a ação sem ser ela mesma. Porém, não há entidades epistêmicas privilegiadas que o organizam. Antes houvesse, porque então poderíamos controlá-lo. Parece, contudo, que ele é tão imprevisível quanto a própria ação. Ninguém sabe com certeza que atitude tomaria frente a uma informação relevante, mesmo que possa declará-lo antecipadamente muitas vezes, e tentar, com isso, assegurar-se de sua retidão moral. Em última análise, o desejo não é senão uma ilha despedrada do fundo do mar.

Voltemos ao sapo e o escorpião. A ação do sapo ao carregar o escorpião nas costas é de desejo. A ferroada perpetrada pelo escorpião também. Quanto aos fatos, não há dúvida. O problema dessa história é a questão ética. Não nos parece bom, nem útil ou proveitoso a ação de seduzir para matar. Fizemos leis para punir as pessoas que agem assim, e nenhum de nós está disposto a relaxar essas leis. O escorpião seria passível de homicídio doloso caso sobrevivesse ao afogamento. O sapo, porém, não poderia negar que agiu porque quis. Pode alegar que foi enganado, que foi a vítima de uma armadilha mortal, e que foi traído pelo desejo. Não pode negar que desejou, porque há uma ação, proveniente da sua espontaneidade (o sapo da história não é um autômato), de carregar o escorpião nas costas.

Mas a atitude de coação, a estratégia de sedução perpetrada pelo escorpião contra o sapo, não retira a espontaneidade, e, portanto, a livre vontade do sapo? Eu diria que para o direito, sim; mas para a psicologia, não. Para o direito, a figura da coação agrava a atitude do réu e isenta de responsabilidade a vítima. Para a psicologia, contudo, não há sentido em dizer “vontade não-livre” ou “desejo não-meu”. A psicologia leva também em consideração o fato de que as ações (e os desejos) estão imbricadas numa rede tão complexa de correlações com outras ações passadas e presentes, assim como também a projeções de futuro (intenções ligadas a intenções), que dificilmente alguém se dá conta do peso real do ato de desejar.

Uma pessoa não é um átomo com uma vida secreta e interior, não é uma ilha isolada do mar, do oceano, dos peixes que nadam por ali, da atmosfera e dos pássaros que a sobrevoam, dos ventos que atingem as suas costas provenientes de terras longínquas com outros habitantes. Se uma pessoa fosse um átomo, como o autômato, tudo seria muito mais fácil; bastaria exercer a introspecção e tirarmos as conclusões lógicas. Mas, cada pessoa, para o mal e para o bem, é parte indissolúvel de um universo interligado de múltiplas forças, atuando em conjunto ou contraditoriamente, que a conformam e transpassam; forças das quais podemos ter apenas uma consciência parcial. Teríamos que adotar o ponto de vista infinito, ou estar na mente de Deus, para percebê-las efetivamente no seu todo. Esta rede tão complexa de inter-relações é o que nos dá a sensação de que o desejo é inconsciente. E a tentativa de controlar o desejo, isto é, de torná-lo menos infinito para que nos sintamos mais seguros, é o que faz pensar que as pessoas resistem a aceitar as implicações do seu desejo. A resistência não é mais que a tentativa de sentir-se seguro diante do abismo infinito. Resistir é diminuir, com alguma desculpa sem muito sentido, as implicações aparentemente incontroláveis do desejo.

Desejar, portanto, é arriscar-se. Negar-se ao risco ou a entregar-se em algum momento, é tentar controlar o incontrolável. A recusa, a negação de fazer, não deixa de ser, também ela, uma ação de desejo. A situação pode gerar, contudo, um comportamento contraditório, artificial ou autômato, como a dissimular o especificamente humano, como a não permitir que as ações se confundam com desejo, isto é, que tenham algum sentido. Para o caso do sapo, a responsabilidade não é negar o desejo, mas adquirir um certo grau de sabedoria para decidir quando se deve aceitar entrar em relação com alguém. Esta sabedoria não provém do trancamento, ou da falsa segurança. Para aprender a comprar peixe, a gente tem que ir à feira. Porém, a abertura não garante nada, senão a própria responsabilidade de assumir um desejo. Não sabe comprar peixe quem só foi à feira uma vez. Ou vai-se à feira todo dia ou morre-se de fome ou de inabilidade. O desejo pressupõe o risco porque não tem fundamento. Entretanto, parece não haver nada tão profundamente humano como a disposição à abertura. Os sapos devem render-se à sedução sem perder seu senhorio.

É necessário, contudo, ir *além do humano*, se quisermos evitar a destruição e a morte certa causadas pela vontade sem controle. - “Mas, como?” - há de perguntar-se certamente o leitor - “O argumento até aqui mostra que o desejo não tem controle possível!” É correto; no entanto, a ação de ir além do humano consiste na invenção de novas formas de vida, na criação de cultura para dobrar a natureza, no melhor manejo dos instintos e pulsões que nos invadem, atravessam e ultrapassam. Ir além do humano significa evitar que a subjetividade se anule no que nos parece humano. O escorpião que diz “essa é a minha natureza”, mostra claramente que perdeu a sua vontade, que não tem mais a posse de um “eu”, que foi desalojado, pela pulsão, da sua própria fala como dono da sua vontade. Na fala do escorpião, o “eu” é a natureza, não o seu querer. A incontinência da vontade significa, porém, a morte de todos. Para sobreviver à guerra das vontades que nos sobrepujam só há um remédio: a invenção de si. A invenção de si não é uma tentativa de controlar o desejo, não é tampouco a tentativa de ser mais humano permitindo a livre passagem dos instintos; mas é a prudente intervenção comunicativa para barrar o desejo sem controle.

Não há receitas prontas para a recriação de “eus” que sobrepujam as vontades de outros “eus” que nos habitam. Cada pessoa deve recriar seu “eu” retirando informações da maneira como se formaram, na sua história particular, seus outros “eus” imaginários. Estas informações são capazes de alimentar uma nova estratégia. Ser humano, neste caso, é renovar o ser humano, ser diferente a partir de agora, recusar as soluções vindas de fora, evitar os estereótipos, aprender com o que já foi feito a criar o que nunca existiu. Não há uma cultura igual a outra, por certo. Todas inventaram uma forma diferente de celebrar a vida. A única semelhança entre elas é que todas sobrepujaram a natureza.

A ação de recriar a subjetividade começa no momento em que o sujeito reconhece que já não é ele quem fala, mas outra vontade fala nele. Começar a falar por si próprio já significa, no entanto, estar numa nova forma de vida. Daí para frente, basta reavaliar cada tipo de auto-engano e retomar a fala do eu que não quer morrer. A fala é uma ação, agir é desejar. O escorpião afogou-se somente porque deixou que outro falasse por ele sem qualquer intervenção do eu que não quer morrer.